

AS "OFICINAS DE PIANO EM GRUPO" DA ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (1989-1995)¹

Diana Santiago*

Introdução

Modelos que viabilizem um melhor aproveitamento do tempo do professor, sem com isso prejudicar a qualidade do ensino, devem ser experimentados e aperfeiçoados a partir dos resultados obtidos. Concomitantemente, a avaliação de programas de ensino e cursos oferecidos em cada região do país faz-se necessária para uma melhoria da qualidade dos mesmos, bem como um direcionamento mais objetivo de sua aplicação.

No que diz respeito ao ensino instrumental no Brasil, a tradição do ensino individualizado é fortemente arraigada e, infelizmente, preconceituosa. Na área específica do ensino do piano, são escassos os trabalhos, não somente no que concerne à prática pedagógica, mas também quanto à investigação das características dos candidatos ao estudo desse instrumento.

Sá Pereira (1933), Fontainha (1968, 1956) e Kaplan (1985) concentram-se na área pedagógica empírica. Gonçalves & Merhy (1987) e Oliveira (1990) apresentam seus achados como resultado de pesquisa

* Mestre em Literatura e Execução Pianística e Mestre em Educação Musical, Eastman School of Music, 1991, New York, USA; Prof^ª. Assistente da Escola de Música da UFBA; Prof^ª. do Curso de Pós-Graduação - Mestrado em Música da UFBA.

1. Este trabalho é uma condensação de dois outros citados nas Referências Bibliográficas, Santiago, 1991 e Santiago, 1992.

experimental. Enquanto os primeiros se detêm no ensino individualizado, Gonçalves (1985) e Oliveira (1990) buscam demonstrar a importância do ensino grupal do piano, elaborando inclusive séries de material pedagógico com fundamentação filosófica para o ensino em grupo.

As vantagens para o ensino grupal do piano são afirmadas por todos os que o estudam ou aplicam. Bastien (1988), Gonçalves (1985), Oliveira (1990) e Stevens (1989), por exemplo, enumeram várias. Podemos aqui citar as mais importantes: além do tempo do professor ser melhor utilizado, os alunos se preparam melhor por efeito da presença do grupo; aprendem a ter mais confiança em si próprios; têm mais tempo que nas aulas individuais para se recobrem dos erros cometidos, o que é favorável à construção de uma auto-imagem positiva; são mais motivados; têm oportunidade constante para a prática em conjuntos; aprendem por imitação uns com os outros; recebem maior estímulo para o desenvolvimento das habilidades de crítica, audição interiorizada e interpretação; adaptam-se desde o início a tocarem para outros; têm a oportunidade de serem expostos a uma maior literatura instrumental; podem ser introduzidos com vantagem sobre os alunos que têm aulas individuais no estudo da notação musical, história da música e teoria.

Como desvantagem, destaca-se o fato de que não é dada muita atenção individual a cada aluno, o que pode ser facilmente contornado pela combinação de aula grupal com aula individual. A aula individual, por sua vez, facilita o desenvolvimento do repertório.

As "Oficinas de Piano em Grupo" (OPG) fazem parte dos *Seminários de Musicalização* da Escola de Música da UFBA e se propõem a iniciar estudantes nos princípios básicos da técnica do piano, através de aulas em grupo. Surgiram em 1989, por iniciativa do então diretor da referida Escola, Prof. Paulo Costa Lima, com uma turma experimental de seis alunos ministrada por esta autora e que foi logo acrescida de três outras turmas, conduzidas por três alunos do curso de graduação da Escola, que foram treinados na técnica do ensino de piano em grupo.

Em 1978, a prof^a. Maria das Graças Machado Santos realizou trabalho em grupo de improvisação ao piano e a Prof^a. Alda de Jesus Oliveira desenvolveu a partir de 1988 um trabalho de Iniciação Musical com Introdução ao Teclado (IMIT).

A princípio em caráter experimental, as "Oficinas de Piano em Grupo" constaram, no primeiro ano, de uma turma conduzida pela autora do presente trabalho e três turmas conduzidas cada uma por

um aluno do curso de graduação, que passaram por um período de treinamento teórico-prático de um mês. A partir do segundo ano, dado à desistência daqueles alunos de graduação em continuarem no projeto, por alegarem falta de tempo, professoras foram contratadas em caráter provisório para substituí-los, por intermédio da Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão - FAPEX, sendo que neste ano de 1995 as turmas totalizam dezanove e são, com exceção de uma ministrada por esta autora, ministradas por alunos-bolsistas, provenientes de um dos cursos de graduação em música da UFBA ou que já tenham prestado o exame final do "Curso Básico de Piano".

Filosofia

As OPG têm por objetivo possibilitar o aproveitamento de alunos que, desejosos de estudarem piano, podem ser classificados em duas categorias: a) demonstram interesse pelo instrumento; ou b) demonstram qualidades psicomotoras aparentemente acima da média para o estudo do instrumento porém não são "alfabetizados" musicalmente a despeito da idade que apresentem e por isso não foram aprovados para ingresso no "Curso Básico" de piano.

Características do trabalho

Os alunos são agrupados por faixa etária a nível de adiantamento, na média de 6 por turma. Os módulos de instrução são organizados semestralmente, atendendo à procura caracterizada ao início de cada semestre. O teste de ingresso tem caráter classificatório e consta de breve entrevista e exame prático ao instrumento, para os que já sabem tocar alguma coisa.

O material pedagógico é escolhido por turma, em reunião da coordenadora pedagógica com os instrutores ao início de cada semestre. Reuniões de coordenação são realizadas quinzenalmente para acompanhamento pedagógico. Os livros mais utilizados têm sido Aaron (1945), Van de Velde (1965), Pace (1977), Hillyay & Olson (1986), Bartók (s/d), Santiago (1989), Queiroz (1987) e, além desses, peças individuais ou em grupo designadas pelos instrutores para cada

aluno. As turmas mais adiantadas estudam pequenas peças do repertório pianístico tradicional, tais como as do livro de Ana Magdalena Bach, prelúdios de Chopin e sonatinas várias. Os alunos aprendem não apenas peças, mas exercícios de modulação e improvisação.

O programa de ensino foi estruturado em dois níveis de adiantamento. Há duas apresentações públicas para cada turma por semestre, uma no meio, geralmente uma aula pública, e uma ao término do mesmo, essa uma apresentação de todos os alunos no auditório da Escola ou no Salão Nobre da Reitoria. Uma avaliação semestral é realizada pelas professoras de cada classe levando em conta o desenvolvimento do aluno durante o período, e aqueles considerados aptos são encaminhados para os testes para o "Curso Básico" da escola de Música da UFBA.

No ano de 1991, visando oferecer um atendimento mais abrangente para alguns adolescentes e adultos que revelam musicalidade mais acentuada, aliada a pouco conhecimento da técnica do instrumento, foi criado um grupo especial que se encontrou por seis sessões de duas horas cada e que incluiu alunos na faixa etária dos quinze aos sessenta e três anos, variando dos que não sabiam ler aos que já podiam tocar peças fáceis de Chopin. Esse grupo teve caráter experimental e foi conduzido por essa autora, originando a classe "Oficinas Especiais", que busca atender a alunos mais adiantados que por um motivo ou outro (geralmente deficiências em teoria) ainda não podem ser admitidos no "Curso Básico".

Avaliação do Desempenho

As OPG, embora tenham inicialmente sofrido discriminação por parte não apenas do corpo docente da Escola mas também dos próprios alunos e de seus pais, é hoje bem vista, devido ao índice relativamente baixo de desistência que apresenta, ao entusiasmo de seus professores e aos resultados obtidos por seus alunos tanto nos testes para o "Curso Básico" quanto nos para o Vestibular em Música.

A partir do primeiro semestre de 1992, as OPG passaram a servir de "campo de trabalho" para a disciplina "Prática de Ensino" do curso de graduação.

As OPG servem como fomentadoras de pesquisa na área de metodologia de ensino, na área de avaliação de aprendizagem e

também na de repertório, buscando dar maior ênfase às peças brasileiras e compilar/criar material específico.

Dificuldades

As principais são de caráter material. Apesar de contarmos hoje com uma sala equipada com quadro-de-giz, armário, carteiras, som, um piano e seis teclados com *headphones*, os alunos não ficam bem acomodados nos bancos e mesa altos demais, o que prejudica em certa extensão seu desempenho técnico; o quadro-de-giz deveria ser trocado por um pincel atômico para evitar que o pó de giz danifique os teclados.

Ponderações Finais

Nem todos os seres humanos nascem para servirem à Música, porém o inverso é verdadeiro: a Música é um direito de todos. Para que confinarmos o ensino do piano aos tidos como "dotados", principalmente se os critérios utilizados para seleção de alunos são ainda tão subjetivos? Por que não favorecer à difusão do ensino do piano, possibilitando o contacto com o instrumento a um maior número de alunos, de uma faixa etária mais ampla? Por que relutarmos tanto em aceitarmos alunos adultos nos cursos livres de nossas Instituições de Ensino Superior, num país em que a educação musical não é obrigatória nas escolas de primeiro e segundo graus? Como não possibilitar ao aluno de graduação a experiência pedagógica em diversos níveis etários e de adiantamento; em situações grupais e individuais?

Os temas para pesquisa na área da pedagogia do piano variam desde a formulação de critérios mais objetivos para a seleção de alunos até abordagens ao estudo da percepção (GONÇALVES & MERHY, 1987) e ao estudo do desenvolvimento das habilidades funcionais ao teclado, bem como a análise de procedimentos didáticos apropriados às diversas situações do ensino. Embora sejam várias as publicações em outros países, em especial nos Estados Unidos da América, são muito escassas no Brasil. Ao delinear o perfil das "Oficinas de Piano", não poderíamos deixar de registrar aqui o imperativo de futuros estudos na área, essenciais que o são.

Referências Bibliográficas

- AARON, M. *Piano Course*. Melville NY, USA : Belwin Mills, 1945.
- BARTÓK, B. *Mikrokosmos I*. London : Boosey & Hawkes.
- BASTIEN, J. W. *How to Teach Piano Succesfully*. 3ª ed. San Diego CA, USA : Neil A. Kjos, 1988.
- FONTAINHA, G. *A Criança e o Piano*. São Paulo : Ricordi Brasileira, 1968.
- _____. *O Ensino do Piano: seus problemas técnicos e estéticos*. 2ª ed. Porto Alegre : Carlos Wehrs, 1956.
- GONÇALVES, M. L. J. & MERHY, S. A. Música Através do Piano (1). In : S. L. F. Reis (org. e coord.), *II Encontro Nacional de Pesquisa em Música*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, p. 215-221., 1987
- HILLEY, M. & OLSON, L. F. *Piano for Pleasure: a bacis course for adults*. St. Paul MN, USA : West Publisching Companh, 1986.
- KAPLAN, J. A. *Teoria da Aprendizagem Pianística*. Porto Alegre : Editora Movimento, 1985.
- OLIVEIRA, A. Iniciação Musical com Introdução ao Teclado - IMIT. *Opus*, 2(2), 7-14, 1990.
- PACE, R. *Brincando com Tríades*. São Paulo : Musicália, 1977.
- QUEIROZ, S. *Curso de Piano para Jovens e Adultos: aspectos técnicos e estéticos*. Brasília : Musimed, 1987.
- SÁ PEREIRA. *Ensino Moderno de Piano*. São Paulo : Ricordi Brasileira, 1933.
- SANTIAGO, D. *Iniciação III - Piano - Módulo I*, Apostila, 1989.
- _____. "As Oficinas de Piano" da Escola de Música da UFBA, trabalho não publicado, apresentado no Encontro Anual da *Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música* realizado em Porto Alegre, 1991.
- _____. "Relatorio de Atividades das 'Oficinas de Piano em Grupo' de 1989 a 1992". Apresentado à Direção da Escola de Música da UFBA, não publicado, 1992.
- STEVENS, K. M. Interaction: the hidden key to success in group piano teaching. *International Journal of Music Education*, 13, 3-10, 1989.
- VAN DE VELDE, E. *Método Rosa*. São Paulo : Casa Manon, 1965.

ANEXO
Distribuição Anual de Professores e Turmas (t)

1989

Diana Santiago - 1t

* Adriana Trindade Lima - 1t

* José Maurício ValleBrandão - 1t

* Maria Tereza Pita Gondim - 1t

1990

Carmefran Viana Teixeira - 4t

Isa Valois Mendez - 3t

Nestorlina Pita Gondim - 1t

Zuraida Abud - 4t

Total: 60 alunos

1991

Diana Santiago - 1t

Isa Valois Mendez - 3t

Suzana Vasconcelos - 3t

Zuraida Abud - 3t

Total: 55 alunos

1992

Armélia Sueli - 4 duplas

Adálvia Borges - 1t (1º semestre)

* Ângelo Rafael Palma da Fonseca - 3t (no 2º semestre, também a turma que era de Adálvia)

Diana Santiago - 2t

Isa Valois Mendez - 4t

* Márcia Maria de Souza Silveira - 3t e 4 duplas

* Sandra Seixas Pereira da Silva - 1t

Suzana Vasconcelos - 3t

Zuraida Abud - 2t

Total: 108 alunos

1993

- * André Luiz Araujo Santos - 2t
- * Ângelo Rafael Palma da Fonseca - 4t
- * Anita Maria Cardoso Garrido - 4t
- * Beatriz de Sousa Fernandes - 1t
- * César Henrique Pita Estrelado - 4t
- Diana Santiago - 1t
- Isa Valois Mendez - 4t
- * Lívia Maria Cardoso Garrido - 2t
- * Jucilene Souza Fadigas - 2t
- * Márcia Maria de Souza Silveira - 3t
- * Sandra Seixas Pereira da Silva - 1t

Total: 114 alunos

1994

- * Anita Maria Cardoso Garrido - 4t
- Angélica Villas-Boas - 2t (no 1º semestre)
- * César Henrique Pita Estrelado - 7t
- Diana Santiago - 1t
- * Dulciane Figueira de Oliveira - 5t (no 2º semestre)
- Isa Valois Mendez - 3t
- * Jucilene Souza Fadigas - 4t
- * Obadias de Oliveira Cunha - 6t no 1º semestre e apenas 3t no 2º semestre

Total: 116 alunos

1995

- * Ângelo Rafael Palma da Fonseca - 1t
- * Anita Maria Cardoso Garrido - 6t
- * César Henrique Pita Estrelado - 2t
- Diana Santiago - 1t
- * Jucilene Souza Fadigas - 5t
- * Luciana Spíndola - 2t
- * Obadias de Oliveira Cunha - 2t

Total: 93 alunos

* aluno bolsista.

Todos os outros instrutores, são professores contratados para o projeto, exceto Diana Santiago, Profª Assistente da UFBA.